



Recalque, luto e melancolia em *As Naus*, de Lobo Antunes: um olhar psicanalítico

Maurício Marques Sortica*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a obra *As naus*, de Lobo Antunes, por um viés psicanalítico. Para isso, leva-se em consideração os conceitos de recalque, melancolia, luto e cultura, conforme desenvolvidos por Sigmund Freud em suas obras, como base para análise do romance. A partir de um ponto específico do romance – a depreciação das figuras históricas portuguesas, em especial, a de Luís de Camões –, aponta-se que aquilo que é colocado nessa obra pode ser visto como os próprios povos e literaturas portuguesas, tentando voltar-se a um esquecimento de seu caráter grandioso, que mostra apenas as facetas do bom e antigo império português, silenciando, assim, seus traumas.

Abstract: This essay aims at analyzing the novel *As Naus* by Lobo Antunes through a psychoanalytical point of view. In order to do that, it takes into account as the basis for the analysis the concepts of repression, melancholy, mourning and culture, as developed by Sigmund Freud in his writings. Based on the analysis of a specific point in the novel - the depreciation of the Portuguese historical figures, especially the one of Luís de Camões – it is pointed out that what is presented in this novel may be seen as the Portuguese people and literatures themselves trying to turn into oblivion their grandiose character by showing only the positive aspect of the ancient Portuguese empire, thus silencing their traumas.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, Recalque, Psicanálise

Keywords: Portuguese Literature, Repression, Psychoanalysis

As criações, obras de arte, são imaginárias satisfações de desejos inconscientes, do mesmo modo que os sonhos, e, tanto como eles, são, no fundo, compromissos, dado que se veem forçadas a evitar um conflito aberto com as forças de repressão.

Sigmund Freud

1 Preliminares

Não é de hoje que vemos a produção artística portuguesa, em especial a literária, voltar-se a questões de ordem nacionalista e messiânica. Explico: desde Camões, pode-se notar uma exaltação dos altos feitos do Império Português, de suas conquistas territoriais no período das grandes navegações, da riqueza obtida de suas inúmeras colônias em África e em América, entre vários outros episódios da história lusitana. Essa exaltação exacerbada dos acontecimentos que remetem ao apogeu de Portugal, no entanto, parece querer deixar cair no

* Licenciado em Letras (UFRGS), especializando em Literatura Brasileira (UFRGS), professor de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da rede privada de ensino de Porto Alegre, RS.

silêncio – e bem sabemos que o que não é dito também é significativo (DUCROT, 1984) –, o que aconteceu nesse sistema monarquista ao longo dos anos: o declínio.

Assim, quando a Literatura Portuguesa contemporânea dialoga diretamente com esses temas, especialmente com a contínua espera de um rei desaparecido e que não mais voltará, seja para dar mais vida a eles, seja para refutá-los, é de pensar quais aspectos da tradição que exalta o passado e finge esquecer o presente ainda permanecem nessas produções. Por isso, aqui, nos debruçaremos sob a análise de uma obra que, em trazendo esses mortos portugueses para dialogar com a Portugal do final do século XX, coloca um ponto a discutir: porque esses heróis portugueses continuam a viver na literatura contemporânea, muitas vezes retomando o passado glorioso de Portugal, muitas outras vezes como a figuração de seu declínio?

Para tanto, apoiaremos-nos nos pensamentos sobre a *Psicologia do inconsciente* desenvolvidos por Freud de 1911 a 1938, por julgar que tratar de tais aspectos literários, como o silêncio e a negação que, muitas vezes, fogem do plano linguístico explícito na obra, supõem um quadro teórico que, partindo da materialidade dos enunciados, possa proporcionar ferramentas para análise daquilo que é implicado a partir deles. Nesse sentido, serão utilizados, em específico, os conceitos freudianos relativos ao luto, ao recalque, à melancolia e à cultura, a serem retomados em breve. A partir disso, desenvolveremos uma análise de uma obra que dialoga com a questões do Portugal passado e do Portugal presente, a saber: *As naus*, de Antônio Lobo Antunes, comparando e contratando as concepções nela apresentadas com aquilo que é ensinado pela Psicanálise de base freudiana.

2 Dos conceitos psicanalísticos

De acordo com Freud (1920, 1923), a psiquê humana divide-se em três grandes áreas (o Ego, o Superego e o Id), cada uma responsável por um tipo de processo referente à mobilização das energias pulsionais a que o ser humano está sujeito. Nesse sentido, tais processos são “filtrados” pelo cérebro, e cada uma dessas áreas irá atuar sobre eles. Em um estado não-patológico, o Ego – a zona do equilíbrio – saberá distinguir pulsões de vida e de morte de modo a continuar a espécie, sem que isso seja feito de forma animalesca, apenas baseada em desejos, como nos impulsiona o Id, mas também sem que nosso ideal de Eu, o Superego, freie todas nossas ações de modo a querer fazê-las perfeitas e sem faltas. No entanto, quando lidamos com estados de doença psíquica, há um desequilíbrio nessas áreas virtuais, de modo que a pessoa ora tenderá apenas a realizar seus impulsos oriundos do Id, ou

destruí-los com aquilo que lhe é colocado pelo seu Superego, apresentando sintomas característicos de quadros patológicos específicos para a Psicologia do Inconsciente.

Esse resumo não pretende dar conta da complexidade do pensamento freudiano. É a partir desse entendimento básico, porém, que pretendemos dar conta de nossa análise literária, considerando, para tanto, os quadros de luto, melancolia e recalque não somente como processos do inconsciente, mas também como quadros psicológicos passíveis de ser analisados através da (psic)análise. Assim, consideremos os seguintes conceitos da psicanálise freudiana que mobilizaremos na análise literária d'*As naus*, de Lobo Antunes.

Em primeiro lugar, é interessante entender o que Freud concebe como luto e melancolia, uma vez que esses são os princípios norteadores deste trabalho. O luto é, “em geral, a reação à perda de uma pessoa amada ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar, tais como pátria, liberdade, um ideal etc [...] após determinado período, o luto será superado, e considera-se inútil e mesmo prejudicial perturbá-lo” (FREUD, 1920, p.103). Entretanto, a melancolia constitui um estado psicológico mais grave, pois “a perda pode ser de natureza mais ideal, o objeto não morreu realmente, mas perdeu-se como objeto de amor [...] não conseguimos saber com clareza o que afinal foi perdido; portanto, [...] também o doente não consegue nem dizer, nem aprender conscientemente o que perdeu” (ibid., p. 105), o que faz com que seu mundo se torne pobre e vazio, causando, assim, uma enorme depreciação dos sentimentos em relação a si, característica essa ausente nos processos de luto.

A partir desse pensamento melancólico, que, como defesa, esconde aquilo que perdeu em uma parte *a priori* inatingível ao Ego e, portanto, à linguagem falada, é que pensamos processos de recalque em nosso material de análise literária. Se, como ensina Freud (1915, p. 179), “o recalque propriamente dito refere-se a representações derivadas do representante recalcado ou ainda àquelas cadeias de pensamentos que, provindo de outros lugares, acabam estabelecendo ligações associativas com esse representante.” [grifos no original], é a partir desse quadro de não se saber o que se perdeu que, por uma série de pensamentos em associação, se dá lugar a outra representação dessa perda, essa última representação, sim, vindo à tona através da linguagem. Além disso, se considerarmos que, para produzir linguagem, o homem deve estar inserido em uma cultura, que, no pensamento freudiano, é o maior dos ideais-de-Eu (FREUD, 1930) ao qual o ser humano está submetido, nada mais natural que essa perda recalçada, característica do quadro melancólico, vá também se esconder na linguagem, que, produto de uma pulsão de morte, também mascarará a realidade problemática do objeto analisado.

Dessarte, ao nos debruçar sob o objeto literário, deveremos levar em consideração que aquela língua da literatura apenas esconde o problema de que quer tratar – em nosso caso, a melancolia e o recalque. Mais do que isso, temos de deixar morrer a ilusão mimética da linguagem proposta por Walter Benjamin (1985), para poder entendê-la em seu caráter puramente representativo, virtual.

3 Da (psic)análise de *As naus*

Para melhor entender o que foi exposto anteriormente, propomos a análise de alguns trechos da obra de Lobo Antunes. Antes disso, entretanto, faz-se mister conhecer um pouco dela e de seu projeto literário. Primeiramente, é importante colocar que *As naus* apresentam um plano característico da literatura contemporânea de vanguarda, se considerarmos aquilo que aponta Luciana Correa em artigo ainda a ser publicado, uma vez que suas características de escrita rompem com caracteres lineares do pós-realismo português e interpreta, à sua maneira, aquilo que lhe é dado, criando mundos à parte ao propor o diálogo entre os contemporâneos de um Portugal perdido e os contemporâneos de um Portugal em seu auge.

Nesse sentido, também, podemos propor a própria obra de Lobo Antunes como antimimética, não só por sua construção, como apontamos há pouco, mas pelo trabalho representativo que faz com a linguagem. Além disso, ao ser narrada por diversas vozes que mesclam a terceira e a primeira pessoa do singular em parágrafos de mesma ordem, podemos notar uma divisão do eu que narra, o que, em termos psicanalíticos pode ser interpretado como a cisão que ocorre no Ego quando são desencadeados processos de defesa do inconsciente (FREUD, 1938), uma vez que vimos essa obra como a representação do processo de defesa de Portugal e da própria Literatura Portuguesa contra sua tradição messiânica e de culto cego às glórias. Explicamos nossa tese a seguir.

É notório que, no decorrer d'*As naus*, várias personalidades históricas de Portugal são colocadas a conviver na Lixboa do final dos anos setenta, recém findas as revoluções das colônias portuguesas em África. Esse último acontecimento, visto por historiadores e teóricos lusitanos como um grande trauma na civilização de Portugal, vem deixar marcas que, além de outras, também acabam sendo recalçadas no sentimento de identidade portuguesa, uma vez que se perde e se melancoliza a nacionalidade do cidadão português que, ao voltar à Portugal, ou mesmo permanecendo nela depois das crises político-sociais pelas quais passou o país, dizem “não pertencço mais aqui”, de forma a ter “desejo de inventar para si próprio[s] o passado que perdera[m]” (LOBO ANTUNES, 1988, p. 93). Veja-se aqui a questão do desejo,

pulsão de vida, colocando-se como sintoma da falta e do esquecimento do passado, pulsões de morte, recalçadas e transferidas para um pensamento depreciativo dos vultos que ajudaram a construir o passado glorioso do Império Lusitano.

Assim, podemos pensar na maneira como são apresentados os antigos heróis portugueses nesse lugar que não mais lhes pertence. Para ilustrar esse ponto, façamos referência ao “homem de nome Luís”, o insígne escritor português Luís de Camões que, de homem das Letras e do conhecimento, é rebaixado a um homem comum, roto, cheio de defeitos, que urina em lugares públicos (ibid., p. 18), carrega o caixão do corpo em decomposição de seu pai, sendo algumas vezes colocado como tão fétido quanto o defunto que traz consigo (ibid., p. 21 et seq.) e que pretendia escrever um livro que marcasse história sobre a representação portuguesa. Essa figura, em especial, é interessante pelo fato de possibilitar a abertura da análise para vários campos. Para começar, se considerarmos Camões como uma representação dos heróis portugueses (como outros que aparecem no romance, como Pedro Álvares Cabral, Diogo Cão, etc.), podemos ver um rebaixamento de sua figura heroica que, em tese, deveria ser apresentada de forma grandiosa. No entanto, e isso também ocorre com os outros portugueses apresentados na obra, sua figura é caricaturizada, rebaixada e colocada no mesmo nível das figuras humanas, apresentando vícios morais e éticos.

Nesse sentido, se entendermos essa forma de colocação das figuras importantes da fundação de Portugal como *Magnum Imperium*, temos aqui um quadro claro de melancolia e de autodepreciação de si – sendo esse si a própria tradição portuguesa que fala mal dos outros para falar mal de si mesmo, conforme relatado nos casos clínicos de Freud (1917), já que esse problema primordial, a luta e a falta de identidade atual na tradição portuguesa, está recalcado e não pode ser dito explicitamente. Se, no entanto, pensarmos a figura camonianiana como representação da própria Literatura Portuguesa, que, como faz “o homem de nome Luís” no romance, carrega o caixão de seu pai aonde vai, teríamos a própria literatura contestando seu caráter tradicional de louvar suas glórias e silenciar seus problemas – que, por ironia, é estabelecido pela figura de Camões no romance. Dir-se-ia, então, que, por estar em um quadro melancólico, recalçando seus problemas, a literatura lusitana estaria tentando se livrar do fardo que carrega, o caixão do próprio Camões, o que se torna claro ao fim desse romance “anti-epopeico” (CORREA, no prelo): a impossibilidade de se restaurar o Portugal de Dom Sebastião, pois aqueles que o ainda esperam estão em um hospício, ainda tentando passar seus casos melancólicos a casos de luto, ainda tentando saber o que perderam em todo esse tempo de história.

Referências

- BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Vol. 1.
- CORREA, Luciana Cristina. A modernidade de escrita de António Lobo Antunes em *As naus*. (no prelo)
- DUCROT, Oswald. (1984). *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- FREUD, Sigmund. (1930) *O mal estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- _____. (1938) A cisão do Eu no processo de defesa. In: _____. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. III.
- _____. (1920) Além do princípio do prazer. In: _____. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. II
- _____. (1917) Luto e melancolia. In: _____. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. I
- _____. (1923) O Eu e o Id. In: _____. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. III
- _____. (1915) O Recalque. In: _____. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. I
- LOBO ANTUNES, António. (1988) *As naus*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.